

Depressão leva senador Fábio Lucena ao suicídio

BRASÍLIA— Deprimido e alcoolizado, o senador Fábio Lucena (PMDB-AM), 47 anos, trancou-se ontem no seu quarto, no apartamento onde morava com a família, na superquadra 309 Sul, pegou o revólver calibre 38 e disparou um tiro no ouvido direito. Morreu 15 minutos depois, às 7h45min. A autópsia, realizada ontem de manhã no Instituto Médico Legal de Brasília, confirmou que no momento do suicídio o senador Fábio Lucena estava sob efeito de bebidas alcoólicas. O corpo será trasladado para Manaus, onde vai ser enterrado no cemitério São João Batista.

Esta não foi a primeira vez que Fábio Lucena sofreu uma crise depressiva que o levou a usar o revólver. Há cerca de dois meses, num momento de total descontrole, o senador chegou a dar dois tiros em seu quarto, fazendo duas perfurações no vidro da janela. Dias depois, chegou embriagado ao prédio onde mora e à queima roupa indagou do porteiro: "Você duvida que eu tenha coragem de atirar? Disse, apontando para a arma ainda no coldre.

Tiros— Uma semana antes das eleições, Fábio Lucena, embriagado, pregou um enorme susto nos operários que construíam, ao lado de sua casa, em Manaus, a nova sede da Superintendência da Polícia Federal. Lucena empunhou o revólver e deu vários tiros para o ar, determinando a suspensão imediata da obra.

Apesar desses incidentes, o senador Fábio Lucena tinha um temperamento dócil, que só se alterava quando exagerava na ingestão de bebidas alcoólicas. Agressivo na tribuna do Senado, onde, através de uma retórica peculiar, ganhou fama de bravo parlamentar, em função das denúncias que fazia, Fábio Lucena,

tinha junto à família um outro comportamento: "Era muito apegado à mulher e aos seis filhos", contou o cirurgião Aluísio Toscana França que desde 1980 acompanhava o senador.

O apego à família o teria levado a uma profunda depressão em novembro do ano passado, quando morreu dona Otília, sua mãe, de trombose cerebral aos 82 anos. "Depois da morte da mãe, ele ficou muito fechado", confirmou o médico Aluísio Toscana.

Frustração— Nos últimos meses, Lucena guardava o revólver embaixo

do travesseiro. Isolou-se dos companheiros de partido, licenciou-se e viu crescer a idéia da morte. "Eu vou morrer para encontrar minha mãe", disse ele a um amigo há pelo menos 15 dias.

Além dos problemas familiares, o senador Fábio Lucena amargou a frustração de não ter conseguido convencer a bancada de seu partido de que era melhor candidato para liderar o PMDB no Senado. Restou-lhe a vice-liderança como prêmio de consolação. "Seu sonho era ser líder, mas ele não conseguiu e não estava nada satisfeito com o PMDB", informou o médico.

JORNAL DO BRASIL

Uma vida marcada por brigas e processos

O senador amazonense Fábio Lucena, que completaria 47 anos de idade no próximo dia 11 de julho, teve uma vida política conturbada, marcada por dezenas de processos judiciais, atentados e brigas pelos jornais. Eleito para seu primeiro mandato em 1972, quando candidatou-se à Câmara Municipal de Manaus pelo PMDB, Lucena obteve uma votação jamais dada a qualquer vereador na cidade. Processado pelo governo estadual com base na Lei de Segurança Nacional, Lucena teve sua candidatura a deputado federal em 1974 impugnada, seis meses antes das eleições.

Na Câmara e através dos jornais, Lucena não diminuiu seus ataques à administração do então governador João Váltér de Oliveira e ao prefeito Frank Ibrahim Lima. Neste mesmo período, por razões desconhecidas até hoje, Lucena desentendeu-se com o proprietário do jornal *A Notícia*, Manuel Andrade Netto. Nesse mesmo período, Lucena sofreu um atentado, atribuído à época a Andrade Netto.

Em 1976, Lucena reelegeu-se vereador e em 1978 lançou sua candidatura ao Senado. Perdeu a vaga para o candidato da Arena, João Bosco Ramos de Lima, que morreu antes de assumir e foi substituído por Eunice Michiles. A época, Lucena ficou distante da cadeira por cerca de 200 votos, movendo então um processo polêmico que envolveu denúncias de fraude e corrupção. Só em 1982 conseguiu se eleger em meio a acusação de que o contra-almirante Gama e Silva, então presidente do Grupo Executivo do Baixo Amazonas (Gebam), vinculado ao Conselho de Segurança Nacional, planejava assassinar-lo e ao candidato a governador, Gilberto Mestrinho, para assegurar a vitória do PDS no Amazonas.

Nas eleições do ano passado, Lucena, que era constituinte nato, abriu mão de seus últimos quatro anos de mandato para se candidatar à reeleição. A renúncia fazia parte de um acordo com o governador Gilberto Mestrinho que ajudaria Lucena a se reeleger, em troca da cadeira vaga no Senado. O suplente de Lucena, Leopoldo Peres, também se comprometeu a não assumir a vaga, que teria de ser preenchida através de novas eleições, que se realizariam em junho de 1987. Dessa forma, Mestrinho poderia exercer o mandato de governador até março, cumprir o prazo de três meses de desincompatibilização e candidatar-se à cadeira vaga, com a renúncia de Leopoldo Peres.

15 JUN 1987